

# VESTÍGIOS CERÂMICOS PRÉ-HISTÓRICOS DA PARAÍBA<sup>1</sup>

Thomas Bruno Pereira de Oliveira<sup>2</sup>

Durante a aurora dos tempos, o homem viveu sempre numa incessante busca para melhorar suas condições de sobrevivência, criando artefatos e ferramentas que viesse a auxiliá-lo em suas mais diversas atividades. Com o revolucionário domínio do fogo, o homem ganhou uma importante arma para proteger-se, para se aquecer, como utensílio. Sendo este responsável por uma revolução tanto na sua dieta, podendo-se agora, cozer os alimentos juntos aproveitando suas propriedades, quanto na sua vida diária, pois a noite passa a não ser mais uma ameaça e sim uma novidade. Este tempo noturno torna-se extra, onde reunidos ao redor das fogueiras o grupo está livre da batalha diária pela sobrevivência, favorecendo as relações pessoais. A domesticação do fogo é também responsável por 'abrir portas' para a fundição de metais e o cozimento da argila, que é um meio fácil e de matéria-prima abundante, para se construir objetos e utensílios.

Não se sabe ao certo de que forma isto ocorreu, mas o homem descobre que a argila sob a ação do calor torna-se uma placa resistente, impermeável e segura; com esta descoberta, o homem passa a produzir recipientes cerâmicos, inicialmente revestindo cestarias e produzindo pequenos reservatórios modelando com os dedos torrões de argila. Posteriormente, foi desenvolvida a técnica de acordelamento ou método de anéis, que consiste em enrolar tiras de barro circularmente em forma de anéis, nos diâmetros desejados, uns sobre outros, dando forma as peças. Estes artefatos são produzidos inicialmente para o armazenamento de alimentos e água.

A partir dessa evolução tecnológica, a cerâmica passa, como afirma Gordon Childe (1981) à reagir sobre o pensamento humano. Fazer um objeto cerâmico era um exemplo supremo da criação do homem, diferentemente de um artefato de pedra polida (que limitava o homem à matéria prima, sendo eliminado apenas algumas lascas para o fabrico das ferramentas) a argila possui propriedades plásticas, que abre as possibilidades para a criação humana. O homem utiliza a imaginação e passa a reproduzir objetos com formas e tamanhos variados, reproduzindo, assim, a feição de homens e até mesmo de animais.

A produção de artefatos cerâmicos é uma das mais antigas manifestações culturais do homem, o barro após trabalhado é moldado e seco ao sol ou mesmo cozido ao fogo, adquirindo boa resistência.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático "História Cultural", durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>2</sup> Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

Por experimento ou por acaso, o advento da cerâmica foi de suma importância para o estabelecimento de grupos em aldeamentos agrícolas, contribuindo decisivamente para a concretização do sedentarismo. A cerâmica também foi largamente utilizada como envólucro para sepultamentos das primitivas populações brasileiras. Martin (1994) afirma até que era prática comum de grupos ceramistas sepultar as urnas funerárias (que eram o esqueleto juntamente com um enxoval funerário dentro de uma espécie de urna de cerâmica) em seus próprios aldeamentos.

Muitos fragmentos, e até artefatos cerâmicos inteiros, são encontrados e estudados por arqueólogos em todo o mundo, estes achados testemunham não só a presença do homem nestes locais, mas também podem atestar algumas de suas práticas culturais.

Segundo Alves (1991), na história da arqueologia brasileira, verificam-se desde o final do século XIX em vários pontos do país, áreas de concentração de pesquisas com objetivos diversificados, que privilegiaram o estudo de determinados grupos étnicos. Nas regiões Sudeste e Sul, procurava-se explicar a origem e a formação dos sambaquis e comprovar a antiguidade do homem americano. Na região amazônica, a maior parte destas pesquisas visavam principalmente explicar a origem e a dispersão da cerâmica.

As pesquisas arqueológicas com a finalidade de estudar os grupos étnicos que utilizaram a cerâmica, desenvolveram-se principalmente, a partir da descoberta de sítios arqueológicos na região do Amazonas, onde em meados da década de sessenta surgiu o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, com a proposta de trabalhar sistematicamente o material coletado, já que classificações anteriores não seguiram critérios sólidos, baseando-se principalmente em informações etnográficas.

O PRONAPA integrou pesquisadores de vários estados brasileiros, onde foram discutidos processos estandardizados para o estudo da cerâmica pré-histórica, criando-se um glossário de termos técnicos para este fim. O programa foi coordenado pelos competentes pesquisadores americanos Drs. Clifford Evans e Betty Meggers e atuou de 1965 a 1970.

Os primeiros indícios de cerâmica encontrados foram agrupados em tipos, fases e tradições distintas, reunindo características semelhantes de tipo de antiplástico, decoração e morfologia. Após o fim do Programa, todo seu arcabouço teórico-metodológico continuou sendo utilizado por diversos pesquisadores. Com o passar dos anos, sua classificação passou a ser bastante questionada, pois novos achados em vários locais do Brasil passam a não se enquadrar em nenhuma das tradições pré-estabelecidas, como podemos citar as cerâmicas encontradas por Laroche na Pedra do Caboclo em Bom Jardim-PE e a fase Papeba, oriunda do litoral Norte-Rio-Grandense trabalhadas por Luna e Nascimento (1997). Os questionamentos foram inevitáveis, tanto para os aspectos técnicos utilizados para obter dados em campo quanto para a imprecisão de alguns conceitos.

No PRONAPA a cerâmica foi erroneamente vista como um fator de determinação cultural, e não como mais um fator importante para a distinção de uma pretérita cultura, como a arte rupestre e os artefatos líticos. Para Nascimento e Luna (1997) a cerâmica é um indicador importante para o estudo de uma sociedade pré-histórica, mas adquire seu total valor no momento em que é relacionada a outros componentes que fazem parte da vida desses grupos.

É inegável a contribuição dada pelo PRONAPA aos estudos arqueológicos brasileiros, seu pioneirismo e extrema dedicação de seus coordenadores foram responsáveis pela formação de gerações futuras de arqueólogos e pela criação de núcleos de estudos arqueológicos e museus que abrigassem os vestígios coletados. Sua imperfeição se deu, talvez, pelo fato do Brasil ser um país de dimensões continentais e vários estados ficarem de fora destes estudos. Inclusive a Paraíba, estado que não contava com nenhum arqueólogo. Diversas pesquisas foram empreendidas em território paraibano (não pelo PRONAPA) por estudiosos e leigos que percorreram o Estado catalogando, copiando e fotografando sítios arqueológicos, principalmente de inscrições rupestres. As dificuldades eram muitas, a insuficiência de informações e a falta de capital monetário para que tal pesquisa fosse empreendida.

Pretendemos com este trabalho, fazer uma história dos vestígios cerâmicos que foram encontrados em território paraibano, em contribuição à arqueologia da Paraíba. Para isso, foi preciso ler uma imensa bibliografia, tanto sobre a cerâmica pré-histórica quanto livros que relacionasse de alguma forma a história do Brasil e mais precisamente relativo ao Nordeste e obras sobre a Paraíba. Relato de viajantes e naturalistas como Spix e Martius, Henry Koster, Jean de Lèry, pesquisadores como Capistrano de Abreu, Gilberto Freire, Rocha Pombo, Frei Vicente do Salvador, foram fontes das quais buscamos informações sobre o território paraibano. Autores paraibanos como Maximiano Lopes Machado, Irineu Jófilly, Irineu Ferreira Pinto, Sabiniano Maia e outros também foram pesquisados, pois abordavam a história de suas respectivas cidades e/ou da Paraíba, onde encontramos alguns relatos de achados fortuitos.

Este trabalho é uma fase inicial de uma pesquisa, após historiar os vestígios cerâmicos pré-históricos da Paraíba pretendemos correlacionar a cerâmica encontrada e dar diagnósticos sobre as populações pretéritas que viveram nesta região.

É freqüente achados de fragmentos cerâmicos, tigelas, potes e urnas com esqueletos em diversas zonas do interior paraibano, geralmente por lavradores ao ararem seus roçados. Estes achados são conhecidos pela população rural por cemitérios de caboclos ou botijas dos flamengos. Na verdade revelam a presença de assentamentos pré-históricos, pois era comum entre os primitivos ceramistas sepultar seus mortos nas imediações de seu habitat.

Normalmente, aldeias ceramistas, são localizadas em ápice de elevações que formam vertentes para algum curso de água. Entretanto, tratando-se de um sítio arqueológico a céu aberto, dificilmente se determina sua localização sem o auxílio de fotografias aéreas ou relatos de descobertas fortuitas.

Estes sítios, quando associados a material lítico polido indicam indícios de assentamento agrícola e sua cronologia, em termos de pré-história, é recente.

Tanto o contexto natural quanto o material cerâmico deste gênero de sítio pré-histórico são importantíssimos para o estudo de manufatura da cerâmica entre os primitivos da região. O contexto poderá indicar, além informações sociais destes grupos como; o domínio visual das imediações, possibilidades de defesa, suprimentos de água e seu escoamento durante as chuvas, como as fontes de matéria prima argilosa nas proximidades, os elementos não-plásticos de tempero e os minerais corantes utilizados para aplicação de engobo ou pintura das peças, caso sejam decoradas.

O material cerâmico pode oferecer subsídios para estudos tecno-tipológicos como: a classificação dos vestígios, análise da pasta utilizada, processo de queima, minerais presentes na superfície, motivos de pinturas, espessura e função das peças e etc.

Na Paraíba há relatos de achados cuja descrição enquadra-se nesta modalidade de sítio, descobertos casualmente.

Em 1890, no município de Itabaiana, localizado na região agreste da Paraíba, fora encontrado na localidade Alto dos Currais, vertente para o rio Paraíba, ossadas humanas dentro de diversos potes de barro. Na oportunidade, abriam-se alicerces para a construção de casas populares. Vinte anos depois, J. Carneiro Monteiro, membro do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba- IHGP visitou o local e registrou o fato, segundo seu relatório, que encontra-se na Revista do IHGP nº 2 ele relata o estado carcomido que encontra-se os vestígios, não podendo ser salvo. No ano seguinte, uma equipe do IHGP formada por Isaac Leão Pinto, Heráclito Cavalcanti, Edmundo Coelho de Alvarenga e o próprio Monteiro fizeram uma expedição para o local, onde fazem uma análise dos vestígios, classificando a cerâmica como tosca, de 3 a 4 mm, sem nenhuma decoração.

Em 1933, no município de Casserengue, localizado no Curimataú paraibano, na localidade denominada de Pitombeira, foi encontrado o que o pesquisador Leon Clerot chamou de Igaçaba (preferimos não tratar por esta nomenclatura, pois assim estaríamos afirmando que o achado seria do povo Tupi-guarani) com decoração em perfeito estado e outras três menores de “*execução mais tosca.*” (CLEROT, 1969. p.129). O achado se deu devido a escavação de uma cacimba, para o aumento de sua capacidade de armazenamento.

Em fins do século XIX, foi encontrado pelo Vigário C. Ramos, na antiga Alagoa de Monteiro “...*túmulos e toscas urnas funerárias.*”(JOFFILY, 1876. p.111). Não se tem maiores informações sobre o achado.

Recentemente, durante obras para a duplicação da BR 101, foram encontrados fragmentos cerâmicos junto à lascas de sílex entre os municípios de Goiana - PE e Caaporã-PB, trabalho que está aos cuidados da equipe da UFPE coordenada pelo importante pesquisador Marcos Albuquerque.

Em março de 2006, foi encontrado vários potes cerâmicos no município de Pocinhos, eram fragmentos toscos de formas ovóides e globulares, semelhantes à potes encontrados por Valentin Calderon na foz do São Francisco na década de 70. Tive a oportunidade de ver fotos de achados com as mesmas características na serra da Engabelada no município de Caraúbas.

Devido a novos informes de sítios cerâmicos na Paraíba e por não haver uma sistematização de estudos em nosso Estado, criou-se a necessidade de estudar mais profundamente estes achados. Para isso, estamos dirigindo o nosso estudo para os artefatos pré-históricos de barro cozido, tendo em vista a importância que são os vestígios cerâmicos para a análise dos primeiros povoadores paraibanos.

Para tanto, devido a condição ainda em amadurecimento dos estudos cerâmicos no nordeste brasileiro, preferimos não utilizar as propostas classificatórias de tradições em cerâmica. Nos deteremos apenas em descrever tipologicamente o tratamento plástico da superfície dos vasos em: lisos, pintados, engobados e com decoração plástica em relevo (corrugado, escovada). Só quando tivermos segurança de que este ou aquele objeto preenche os requisitos de tradições em uso aludiremos o fato. Evitando, assim, generalizações comprometedoras.

Tratarei a cerâmica sul americana como invenção autóctone, baseado em Martin (2002) e o acordelamento como uma das mais difundidas técnicas de montagem de artefatos cerâmicos utilizados pelas populações ceramistas pré-históricas no Brasil, uma técnica que consiste na confecção de roletes de argila de diferentes tamanhos e espessuras distribuídos circularmente a partir da base em direção ao corpo, pescoço, bordas e lábios para, após a distribuição circular, pressionar os roletes em junção obtendo uniformidade das superfícies.

As cerâmicas com pinturas trataremos como: policrômicas e monocrômicas; e seus motivos: geométricos, puntiformes, em gregas, sinuosos e retilíneos. Logicamente aludiremos caso a peça contenha revestimento plástico de banho corante ou engobo, termo referente ao tipo de tratamento de superfície que aplica, antes da queima, uma camada de barro com pigmentos minerais e vegetais sobre a superfície do recipiente cerâmico.

É pretensão também destes estudos análise mineralógica e granulométrica. Assim como estudaremos, sempre que possível, o processo da queima, a fonte da matéria prima e a utilidade a que se destinou o utensílio.

Esta proposta de trabalho não prevê escavações, apenas um estudo semi-diagnóstico dos objetos cerâmicos fortuitamente encontrados e a divulgação da marcha desta pesquisa, inédita na Paraíba, sobre a cerâmica e os ceramistas pré-históricos.

## Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Marcos. **“Utilização de radiologia em cerâmica arqueológica”**. Revista Clio Série Arqueológica Nº2 – UFPE – Recife – 1985.
- ALVES, Cláudia. **“A Cerâmica Pré-Histórica no Brasil”**. Revista Clio Série Arqueológica, N ° 7 – UFPE – Recife – 1991.
- CHAGAS, Aécio Pereira. **“Argilas, as essências da terra”**, Editora Moderna – 3ª Edição – São Paulo – 1997.
- CHILDE, V. Gordon. **“A Evolução Cultural do Homem”**. Zahar Editores, 5ª Edição – São Paulo - 1981.
- COSTA, João Anygone. **“Introdução à Arqueologia Brasileira”**, 4ª Edição – Ed. Nacional Brasileira - Vol. 34- Brasília – 1980.
- CLEROT, Leon Francisco. **“30 anos na Paraíba, memórias corográficas e outras memórias”**, Ed. Pongetti, Rio de Janeiro – 1969.
- EVANS, Cliffford; MEGGERS, Betty. **“Guia para Prospecção Arqueológica no Brasil”**. Série Guias Nº 2, Belém – 1965.
- LAROCHE, Armand François Gaston. **“Contribuição para a Pré-história pernambucana”**, Gabinete de História Natural do Ginásio Pernambucano/ Sec. De Educação e Cultura do Estado de Pernambuco. Recife- 1975.
- \_\_\_\_\_. **“Contribuição para a Arqueologia Pernambucana”**, Gabinete de História Natural do Ginásio Pernambucano/Sec. De educação e Cultura do estado de Pernambuco. Recife- 1977.
- LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. **“Os Grupos Ceramistas do baixo São Francisco: Primeiros Resultados”**. Documento 12 – Projeto Arqueológico de Xingo – PAX – 1997.
- \_\_\_\_\_. **“A Cerâmica arqueológica dos sítios dunares no Rio Grande do Norte – Brasil”**. Revista Clio Série Arqueológica – Nº12 – 1997.
- MARTIN, Gabriela. **“Pré- História do Nordeste do Brasil”**, 3ª Edição, Ed. Universitária UFPE – Recife – 2002.
- MEGERS, Betty, **“América Pré-Histórica”**, Paz e Terra, Rio de Janeiro – 1979.

## RESUMO

A cerâmica é usada pelo homem desde a pré-história para o fabrico de utensílios. É fabricada à partir da argila, que hidratada possui propriedade plástica, podendo ser modelada. A partir dessa evolução tecnológica, a cerâmica passa à reagir sobre o pensamento humano, pois fazer um objeto cerâmico era um exemplo supremo de sua criação, diferente de um artefato de pedra que limita o homem à matéria-prima. A produção da cerâmica é uma das mais antigas manifestações culturais do homem, seu advento, foi de suma importância para o estabelecimento de grupos em aldeamentos agrícolas, contribuindo decisivamente para a concretização do sedentarismo. É freqüente achados de fragmentos cerâmicos, tigelas, potes e urnas, geralmente por lavradores ao ararem seus roçados. No Brasil, o vestígio cerâmico mais antigo data de 7.500 anos, encontrado na Amazônia. Na Paraíba há diversos relatos de achados cerâmicos. Estes, contribuem para a compreensão da forma de vida dos humanos primitivos. À partir de pesquisa bibliográfica e de informes que nos chegam sobre achados na Paraíba, pretendemos descrevê-los e sistematizá-los para que, assim, possamos contribuir com os estudos pré-históricos de nosso estado, já que nunca houve um estudo sistemático desta natureza na Paraíba.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cerâmica; Pré-História; Paraíba.